

O Filósofo Mascarado Michel Foucault

Em janeiro de 1980, Christian Delacampagne decidiu pedir a M. Foucault uma grande entrevista para Le monde. cujo suplemento dominical era então amplamente dedicado aos debates de idéias. M. Foucault aceitou imediatamente, mas colocou uma condição prévia: essa entrevista deveria permanecer anônima; nela, seu nome não apareceria e todos os indícios que permitiriam adivinhá-lo deveriam ser eliminados. M. Foucault justificou sua posição da seguinte forma: estando o cenário intelectual sob o domínio da mídia, as estrelas prevalecendo sobre as idéias e o pensamento como tal não sendo mais reconhecido, o que se diz conta menos do que a personalidade daquele que fala. E mesmo esse tipo de crítica sobre o predomínio da mídia pode ser desvalorizado - pode inclusive alimentar aquilo que ele busca denunciar - se é proferido por alguém que, sem o querer, já ocupa um lugar no sistema da mídia -, o caso de M. Foucault. É preciso então, para romper com esses efeitos perversos e tentar fazer ouvir uma palavra que não possa ser banalizada em função do nome de quem ela procede, decidir-se a entrar no anonimato. A idéia agradou a C. Delacampagne. Foi combinado que a entrevista seria feita com um "filósofo mascarado", privado de identidade, precisa. Restava convencer Le monde - que queria uma entrevista com M. Foucault - a aceitar um texto de "ninguém". Isso foi difícil, mas M. Foucault mostrou-se irredutível.

O segredo foi bem guardado até a morte de M. Foucault. Raríssimos, parece, foram aqueles que conseguiram desvendá-lo. A seguir; Le monde e La découverte decidiram republicar em um volume essa entrevista e outras que pertencem à mesma série. Como ocorre em tal situação, Le monde decidiu, então, unilateralmente, revelar o verdadeiro nome do "filósofo mascarado". O texto dessa entrevista retornou integralmente para Michel Foucault, que também elaborou as questões com C. Delacampagne e escreveu com extremo cuidado cada uma de suas respostas.

Permita-me perguntar-lhe inicialmente por que você escolheu o anonimato?

Você conhece a história desses psicólogos que tinham ido apresentar um pequeno filme-teste em um vilarejo nos confins da África. A seguir, eles pediram aos espectadores para relatar a história da forma como eles a haviam compreendido. Pais bem, dessa anedota com três personagens, apenas uma coisa lhes havia interessado: a passagem das sombras e das luzes através das árvores.

Entre nós, os personagens impõem sua lei à percepção. Os olhos se lançam preferencialmente sobre as figuras que vão e vêm, surgem e desaparecem.

Por que eu lhe sugeri que utilizássemos o anonimato? Pela nostalgia do tempo em que, sendo de fato desconhecido, o que eu dizia tinha algumas chances de ser ouvido. Com o leitor eventual, a superfície de contato era sem arestas. Os efeitos do livro surgiam em lugares inesperados e delineavam formas nas quais eu não havia pensado. O nome é uma facilidade.

Vou propor uma brincadeira: a do "ano sem nome". Durante um ano, os livros seriam editados sem o nome do autor. Os críticos teriam que se virar com uma produção inteiramente anônima. Mas devo estar sonhando, pois talvez eles nada tivessem a dizer: então todos os autores esperariam o ano seguinte para publicar seus livros...

Você acha que, hoje, os intelectuais falam demais? Que eles nos sufocam com seus discursos a propósito de qualquer coisa e, mais freqüentemente, fora de propósito?

A palavra intelectual me parece estranha. Intelectuais, jamais os encontrei. Encontrei pessoas que escrevem romances e outras que cuidam de doentes. Pessoas que fazem estudos econômicos e outras que compõem música eletrônica. Encontrei pessoas que ensinam, pessoas

que pintam e pessoas que não compreendi bem se elas faziam seja lá o que for. Mas intelectuais, jamais.

Em contrapartida, encontrei muitas pessoas que falam do intelectual. E, por ouvi-las, construí uma idéia do que podia ser esse animal. Não é difícil - ele é aquele que é culpado. Culpado um pouco de tudo: de falar, de se calar, de nada fazer, de embaralhar tudo... Em suma, o intelectual é a matéria primeira de veredicto, de sentença, de condenação, de exclusão...

Não acho que os intelectuais falam demais, já que eles não existem para mim. Mas considero o discurso sobre os intelectuais bem invasivo, e não muito tranqüilizador.

Eu tenho uma mania desagradável. Quando as pessoas falam dessa forma, jogando palavras ao vento, tento imaginar no que isso resultaria se fosse transcrito na realidade. Quando eles "criticam" alguém, quando "denunciam" suas idéias, quando eles "condenam" aquele que escreve, eu os imagino em uma situação ideal na qual teriam total poder sobre essa pessoa. Deixo retornar a seu sentido primeiro as palavras que eles empregam: "demolir", "destruir", "reduzir ao silêncio", "enterrar". E vejo entreabrir-se a radiosa cidade na qual o intelectual seria posto na prisão, e enforcado certamente, se ele fosse, além do mais, um teórico. É verdade, não estamos em um regime no qual se enviam os intelectuais para "os arrozais"; mas, me diga, você ouviu falar de um tal Toni Negri? Ele não está na prisão por ser intelectual¹?

Mas então, o que fez você se entrincheirar por detrás do anonimato? Um certo uso publicitário que, hoje, os filósofos fazem ou deixam fazer de seu nome?

Isso não me choca absolutamente. Vi, nos corredores da escola no colegial, grandes homens de gesso. E, agora, vejo embaixo da primeira página dos jornais a fotografia de um pensador. Não sei se a estética foi melhorada. Mas a racionalidade econômica, certamente....

No fundo me toca muito uma carta que Kant escreveu quando já estava muito velho: ele se apressava, conta ele, apesar da idade e da vista cansada, das idéias que se embaralhavam, para terminar um de seus livros para a feira de Leipzig. Conto este fato para mostrar que isso não tem nenhuma importância. Publicidade ou não, feira ou não, o livro é outra coisa. Nunca me farão acreditar que um livro é ruim porque seu autor aparece na televisão. Mas tampouco que ele é bom apenas por essa razão.

Se escolhi o anonimato, não é então para criticar esse ou aquele, coisa que nunca faço. É uma maneira de me dirigir mais diretamente ao eventual leitor, o único personagem que me interessa aqui: "Já que você não sabe quem eu sou, você não terá a tentação de procurar os motivos pelos quais digo o que você lê; permita-se dizer a você mesmo simplesmente: é verdadeiro, é falso. Gosto disso ou não gosto daquilo. Um ponto, é tudo."

Mas o público não espera da crítica que ela forneça apreciações precisas sobre o valor de uma obra?

Não sei se o público espera ou não que o crítico julgue as obras e os autores. Os juízes já estavam lá, antes que ele tivesse podido dizer do que precisava.

Parece que Courbet tinha um amigo que acordava à noite berrando: "Julgar, eu quero julgar." É louco isso de as pessoas adorarem julgar. Julga-se em todos os lugares, todo o tempo. Sem dúvida, é uma das coisas mais simples que podem ser dadas para a humanidade fazer. E você

¹ Filósofo italiano, professor da Universidade de Pádua, ideólogo do movimento de extrema esquerda Autonomia Operária. Cumpriu quatro anos e três meses de detenção preventiva por rebelião armada contra o Estado, associação subversiva e formação de quadrilha. Foi libertado em 8 de julho de 1983, após ter sido eleito deputado pelo Partido Radical durante sua prisão. Tendo sido suspensa sua imunidade parlamentar, foram expedidos contra ele novos mandatos de prisão, e ele se refugiou na França.

sabe perfeitamente que o último homem, quando, finalmente, a última radiação tiver reduzido a cinzas seu último adversário, se postará detrás de uma mesa capenga e iniciará o processo contra o culpado.

Não posso me impedir de pensar em uma crítica que não procuraria julgar, mas procuraria fazer existir uma obra, um livro, uma frase, uma idéia; ela acenderia os fogos, olharia a grama crescer, escutaria o vento e tentaria apreender o vôo da espuma para semeá-la. Ela multiplicaria não os julgamentos, mas os sinais de existência; ela os provocaria, os tiraria de seu sono. Às vezes, ela os inventaria? Tanto melhor, tanto melhor. A crítica por sentença me faz dormir. Eu adoraria uma crítica por lampejos imaginativos. Ela não seria soberana, nem vestida de vermelho. Ela traria a fulguração das tempestades possíveis.

Então, há muitas coisas a dar a conhecer, tantos trabalhos interessantes que a mídia deveria falar o tempo todo da filosofia...

É verdade que existe um mal-estar tradicional entre a "crítica" e aqueles que escrevem livros. Uns se sentem mal compreendidos, ou outros crêem que se quer mantê-los sob o tacão. Mas esse é o jogo.

Parece-me que hoje a situação é bastante particular. Há instituições na penúria, enquanto nos encontramos em uma situação de superabundância.

Todo mundo enfatizou a exaltação que freqüentemente acompanha a publicação (ou a reedição) de obras, aliás, às vezes, interessantes. Elas nunca são menos do que a "subversão de todos os códigos" ou "o esteio da cultura contemporânea", o "questionamento radical de todas as nossas maneiras de pensar". Seu autor deve ser um marginal desconhecido.

E, inversamente, é preciso certamente que os outros sejam remetidos para a sombra da qual eles jamais deveriam ter saído; eles não passam da espuma de "uma moda ridícula", um simples produto da instituição etc.

Fenômeno parisiense, se diz, e superficial. Vejo nisso, antes, os efeitos de uma inquietação profunda. O sentimento do "não-lugar", do "ou ele ou eu", "a cada um, a sua vez". Estamos em fila indiana por causa da extrema exigüidade dos lugares onde é possível se fazer ouvir ou se fazer entender.

Daí uma espécie de angústia, que se difunde em mil sintomas, divertidos ou menos engraçados. Daí, naqueles que escrevem, o sentimento de sua impotência diante da mídia, a qual eles criticam de reger o mundo dos livros e de fazer existir ou eliminar aqueles que lhe agrada ou desagrada. Daí, também, o sentimento nos críticos de que eles não se farão ouvir, a não ser que aumentem o tom e tirem um coelho da cartola, a cada semana. Daí ainda uma pseudo-politização, que mascara, sob a necessidade de fazer avançar o "combate ideológico" ou desalojar as "idéias perigosas", a profunda ansiedade de não ser lido, nem entendido. Daí também a fobia fantástica do poder: toda pessoa que escreve exerce um inquietante poder, ao qual é preciso se esforçar para colocar senão um fim, pelo menos limites. Daí igualmente a afirmação um tanto encantatória de que, atualmente, tudo é vazio, desolação, sem interesse nem importância: afirmação que vem evidentemente daqueles que, nada fazendo eles próprios, acham que os outros estão sobrando.

No entanto, você não acha que nossa época carece de inteligências que estejam à altura de seus problemas e de grandes escritores?

Não, não acredito nessa cantilena da decadência, da ausência de escritores, da esterilidade do pensamento, do horizonte fechado e morno.

Acredito, ao contrário, que há pletora. E que não padecemos do vazio, mas de muito poucos

meios para pensar tudo o que ocorre. Há então uma abundância de coisas a saber: essenciais ou terríveis, ou maravilhosas, ou cômicas, ou minúsculas e capitais simultaneamente. Reclamamos sempre que os meios de comunicação de massa entopem a cabeça das pessoas. Nessa idéia, há misantropia. Creio, ao contrário, que as pessoas reagem; quanto mais se tenta convencê-las, mais elas se interrogam. A inteligência das pessoas não é uma cera moldável. É uma substância que reage. O desejo de saber mais, e melhor, e outra coisa cresce à medida que se quer entupir as cabeças das pessoas.

Se vocês admitem isso, e se acrescentam que na universidade se forma uma multidão de pessoas que podem servir de permutadores entre essa massa de coisas e essa avidez por saber, vocês deduzirão daí que o desemprego dos estudantes é a coisa mais absurda que existe. O problema é multiplicar os canais, as vias de acesso, os meios de informação, as redes de televisão e de rádio, os jornais.

A curiosidade é um vício que foi estigmatizado alternativamente pelo cristianismo, pela filosofia e mesmo por uma certa concepção da ciência. Curiosidade, futilidade. A palavra, no entanto, me agrada; ela me sugere uma coisa totalmente diferente: evoca "inquietação"; evoca a responsabilidade que se assume pelo que existe e poderia existir; um sentido agudo do real mas que jamais se imobiliza diante dele; uma prontidão para achar estranho e singular o que existe à nossa volta; uma certa obstinação em nos desfazermos de nossas familiaridades e de olhar de maneira diferente as mesmas coisas; uma paixão de apreender o que se passa e aquilo que passa; uma desenvoltura, em relação às hierarquias tradicionais, entre o importante e o essencial.

Sonho com uma nova era da curiosidade. Temos os meios técnicos; o desejo está aí; as coisas a saber são infinitas; existem as pessoas que podem empreender esse trabalho. De que se sofre? De muito pouco: de canais estreitos, afunilados, quase monopolistas, insuficientes. Não se deve adotar uma atitude protecionista para impedir que a "má" informação invada e sufoque a "boa". É preciso antes multiplicar os caminhos e as possibilidades de idas e vindas. Nada de colbertismo nesse domínio! O que não quer dizer, como se acredita freqüentemente, uniformização e nivelamento por baixo. Mas, pelo contrário, diferenciação e simultaneidade de diferentes redes.

Imagino que, nesse nível, os meios de comunicação e a universidade, em vez de continuarem a se opor, poderiam começar a desempenhar papéis complementares.

Você se lembra do dito admirável de Sylvain Lévi: ensino é quando há um ouvinte; desde que haja dois, é vulgarização. Os livros, a universidade, as revistas científicas também são meios de comunicação de massa. Seria preciso evitar chamar de mídia todo canal de informação ao qual não se pode ou não se quer ter acesso. O problema é saber como fazer agir as diferenças; é saber se é preciso instaurar uma zona reservada, um "parque cultural" para as espécies frágeis de sábios ameaçados pelos grandes predadores da informação. enquanto todo o restante do espaço seria um vasto mercado para os produtos descartáveis. Tal partilha não me parece corresponder à realidade. Pior: não é absolutamente desejável. Para que atuem as diferenciações úteis, é preciso que não haja essa partilha.

Arrisquemos fazer algumas propostas concretas. Se tudo vai mal, por onde começar?

Não, tudo não vai mal. Em todo caso, acredito que é preciso não confundir uma crítica útil contra determinadas coisas com as lamúrias repetitivas contra as pessoas. Quanto às propostas concretas, elas só podem surgir como objetos de consumo se alguns princípios gerais não são admitidos de saída. E, antes de tudo, isto: que o direito ao saber não deve ser reservado a uma etapa da vida e a certas categorias de indivíduos; mas que se deve poder exercê-lo incessantemente e sob múltiplas formas.

Mas esse desejo de saber não é ambíguo? No fundo, o que as pessoas farão com todo

esse saber que irão adquirir? Para o que tudo isso lhes servirá?

Uma das principais funções do ensino era que a formação do indivíduo fosse acompanhada da determinação de seu lugar na sociedade. Seria preciso concebê-lo hoje de tal forma que ele permita ao indivíduo modificar-se a seu gosto, o que somente é possível desde que o ensino seja uma possibilidade aberta "permanentemente".

Em suma, você é a favor de uma sociedade sábia?

Digo que a distribuição das pessoas em uma cultura deve ser incessante e tão polimorfa quanto possível. Não deveria haver, por um lado, essa formação à qual nos submetemos e, por outro, essa informação à qual se é submisso.

Nessa sociedade sábia, o que se torna a filosofia eterna?... Temos ainda necessidade dela, de suas questões sem resposta e de seus silêncios diante do incognoscível?

O que é a filosofia senão uma maneira de refletir, não exatamente sobre o que é verdadeiro e sobre o que é falso, mas sobre nossa relação com a verdade? Lamenta-se às vezes que não haja filosofia dominante na França. Tanto melhor. Nenhuma filosofia soberana, é verdade, mas uma filosofia, ou melhor, a filosofia em atividade. É filosofia o movimento pelo qual, não sem esforços, hesitações, sonhos e ilusões, nos separamos daquilo que é adquirido como verdadeiro, e buscamos outras regras de jogo. É filosofia o deslocamento e a transformação dos parâmetros de pensamento, a modificação dos valores recebidos e todo o trabalho que se faz para pensar de outra maneira, para fazer outra coisa, para tornar-se diferente do que se é. Desse ponto de vista, os 30 últimos anos foram um período de intensa atividade filosófica. A interferência entre a análise, a pesquisa, a crítica "sábia" ou "teórica" e as mudanças no comportamento, na conduta real das pessoas, em sua maneira de ser, em sua relação consigo mesmas e com os outros foi constante e considerável.

Eu dizia há pouco que a filosofia era uma maneira de refletir sobre nossa relação com a verdade. É preciso acrescentar; ela é uma maneira de nos perguntarmos: se esta é a relação que temos com a verdade, como devemos nos conduzir? Acredito que se fez e que se faz atualmente um trabalho considerável e múltiplo, que modifica simultaneamente nossa relação com a verdade e nossa maneira de nos conduzirmos. E isso em uma conjunção complexa entre toda uma série de pesquisas e todo um conjunto de movimentos sociais. É a própria vida da filosofia.

Compreende-se que alguns se lamentem sobre o vazio atual e desejem, no âmbito das idéias, um pouco de monarquia. Mas aqueles que, uma vez em suas vidas, encontraram um tom novo, uma nova maneira de olhar, uma outra maneira de fazer, estes, acredito, jamais experimentarão a necessidade de se lamentarem de que o mundo é erro, a história, saturada de inexistências, e já é hora de os outros se calarem para que, finalmente, se possa ouvir a sineta de sua reprovação...